

CNBB lamenta posse de Gerson na Funai

4468
O secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — D. Luciano Mendes de Almeida, lamentou ontem a indicação do contador e sargento reformado do Exército Gerson da Silva Alves para a presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai) "pelas informações que expressam o encaminhamento da política indigenista e em especial pela busca de outros interesses que não sejam o da promoção do índio".

— Na atual conjuntura nacional a promoção e defesa das populações indígenas deveria se constituir como uma das prioridades da Nova República. As expectativas do indigenismo não foram devidamente contempladas na atual indicação, o que pode retardar a concretização da justa e desejada promoção daquelas populações que nos últimos decênios tanto sofreram — disse D. Luciano.

Sem apoio
O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, preferiu ontem não confirmar o apoio do seu partido à indicação do nome de Gerson da Silva Alves para a presidência da Funai, alegando que o assunto não havia sido discutido na reunião que acabara de manter com o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto. Dela participaram, ainda, o líder do partido no Senado, Humberto Lucena e Pimenta da Veiga, e o líder do Governo no Congresso, senador Fernando Henrique Cardoso.

Este, pouco antes de entrar para o encontro garantiu que o assunto estaria na pauta das discussões pois já havia conversado "inclusive com o secretário-geral da CNBB, D. Luciano Mendes de Almeida, que também se mostrou restritivo a respeito da indicação de Gerson", e prometeu falar à imprensa quando saísse da reunião. No entanto, ele

deixou o gabinete do ministro pelo elevador privativo.

Ulysses, perguntado se seria possível concluir-se que o PMDB apoiava a indicação feita por Costa Couto, disse: "Não, não. Esse assunto nem foi tratado. Ele é muito especializado e é melhor conversarem com o ministro".

Segundo ele, somente foram discutidas as indicações para o segundo escalão do Ministério, entre elas os governos dos territórios de Roraima e Amapá, "mas não se chegou a qualquer conclusão".

— Eu gostaria que essas coisas fossem resolvidas com uma conversa, mas são necessárias dez, vinte. Muita saliva ainda tem que ser gasta. Nós temos que ter muita paciência e vocês também, disse Ulysses.

Sindicância

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Gerson da Silva Alves, disse ontem que casos como o da mulher do deputado Mário Juruma (PDT-RJ), Doralice Carvalho de Siqueira, funcionária do órgão tutor colocada à disposição da Comissão do Índio, na Câmara, e que recebe, sem trabalhar, um salário superior a Cr\$ dois milhões serão analisados e as providências tomadas imediatamente.

— Existem na Funai cerca de 17 a 20 servidores à disposição de outros órgãos, inclusive ela. Tomaremos uma providência geral com relação a todos — garantiu.

Ele disse, ainda, que está realizando estudos para propor ao ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto — que o "surpreendeu" com a indicação de seu nome para o cargo — que "a exemplo do Nordeste a Funai seja poupada do corte de 25% no seu orçamento".

UNI mostra insatisfação

A União das Nações Indígenas — UNI — vem a público manifestar seu protesto e descontentamento ante à solução de continuidade encontrada pelo ministro do Interior, Costa Couto, para a sucessão da Fundação Nacional do Índio — FUNAI.

A confirmação de Gerson da Silva Alves na presidência e de Apoema Meireles na Superintendência, em atendimento ao deputado Mário Juruna, contraria a todos os entendimentos realizados pelo Movimento Indígena, por representantes da sociedade civil — como a ABA — Associação Brasileira de Antropologia, parlamentares e entidades de apoio à luta indígena de todo o Brasil — foi a solução mais fácil encontrada pelo Ministro, para atenuar a pressão sistemática exercida por um grupo de índios, manipulados diretamente por Gerson da Silva Alves, utilizando de forma indevida da FUNAI, conforme foi amplamente denunciado pela imprensa.

Esta solução desrespeita todo o encaminhamento democrático,

através das várias propostas encaminhadas por setores representativos e qualificados para o trato da questão indígena. Propostas fundamentadas no Simpósio da Fundação Pedroso Horta realizada no Congresso Nacional, em novembro de 1984, cujo documento final foi entregue ao então candidato à presidência da República Dr. Tancredo Neves; a Carta da Amazônia — também resultado de Simpósios realizados em Belém e Manaus e finalmente o documento da União das Nações Indígenas — UNI — encaminhado em 6 de maio último ao ministro Costa Couto, através do líder do Governo, senador Fernando Henrique Cardoso. Todos esses documentos apontam para a nova política indigenista e a reestruturação da Funai.

Considerando que o desconhecimento de todas estas propostas e gestões um ato de violência, contra o qual o movimento indígena, através da União das Nações Indígenas — UNI — continuará lutando na busca da Nova República também para os índios.

Os novos "donos" da Funai

Kátia Aguiar

Os Xavante não ficaram contentes o suficiente com a indicação de Gerson Alves para a presidência da Funai, obtida após uma pressão de dois meses, liderada pelo deputado Mário Juruna. Agora, eles estão ameaçando os jornalistas, afirmando que os profissionais da imprensa "deturpam tudo" e não escrevem direito o que os índios falam.

Os Xavante mandaram um recado para as jornalistas Kátia Aguiar, do *Jornal de Brasília*, e Rosane Garcia, do *Correio Braziliense*, para que elas não apareçam mais na sede da Funai. Ontem, uma repórter do jornal *"O Globo"*, que tentou entrevistar os Xavante num órgão tutor, foi seguida por eles em todo o percurso feito, sendo afinal cercada por vários índios que, li-

derados pelo cacique Aniceto, fizeram duras e infundadas críticas à imprensa. A repórter acabou deixando a Funai aos prantos, assustada com a agressividade dos Xavante, que tomaram posse daquele órgão.

Os índios entram e saem dos gabinetes, abrem gavetas, retiram documentos, visando principalmente os funcionários que não aderiram ao "xavantismo" — novo movimento político-rádical, ainda não muito bem definido, mas que tem como características básicas o autoritarismo e o personalismo.

E interessante lembrar que quase todos os Xavante não sabem ler — especialmente os líderes mais velhos. Aniceto é um deles. Dessa forma, é muito fácil para alguns "caciques brancos" lerem como bem entendem as notícias veiculadas pelos jornais.